

Elaine Pedreira Rabinovich
Sumaia Midlej Pimentel Sá
(Organizadoras)

ENVELHECIMENTO & VELHICE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Coleção Vida em Família, Educação e Cuidado
Volume 25

Editora CRV
Curitiba – Brasil

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Designers da Editora CRV
Arte da Capa: André Vaz de Campos Moreira Tourinho
Revisão: Marize Marques Pitta e Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE
Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

R112

Rabinovich, Elaine Pedreira.

Envelhecimento & velhice em tempos de pandemia / Elaine Pedreira Rabinovich, Sumaia Midlej Pimentel Sá (organizadoras) – Curitiba : CRV, 2020.
240 p. (Coleção Vida em Família, Educação e Cuidado – Volume 25)

Bibliografia

ISBN Coleção Digital 978-65-5868-376-6

ISBN Coleção Física 978-65-5868-375-9

ISBN Volume Digital 978-65-5868-446-6

ISBN Volume Físico 978-65-5868-447-3

DOI 10.24824/978655868447.3

1. Sociologia 2. Antropologia 3. Envelhecimento – pandemia 4. Velhice – Pandemia II. Sá, Sumaia Midlej Pimentel. org. III. Título IV. Série.

CDU 616-053.9

CDD 618.97

Índice para catálogo sistemático

1. Envelhecimento – pandemia (2020) 618.97

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL

EM FORMATO DIGITAL.

CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2020

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 – E-mail: sac@editoracrv.com.br

RELAÇÃO AVÓS E NETOS: dimensão tempo na teoria bioecológica do desenvolvimento humano

*Rosa Maria da Motta Azambuja
Maria Natália Pereira Ramos
Elaine Pedreira Rabinovich*

Introdução

O mundo está envelhecendo, o século XXI será o século dos mais velhos e dos avós, e esta realidade vem trazer muitos desafios e oportunidades à sociedade, à família e às relações intergeracionais, em particular à relação entre avós e netos.

A convivência intergeracional permite às gerações mais idosas revisitar o passado, por meio do qual é possível rever o papel que desempenharam como pais e que continuam exercendo como avós. A figura dos avós é símbolo de memória e tradição, e os aspetos lúdicos e afetivos permeiam as relações, sendo que o convívio entre gerações surge como garantia da transmissão e manutenção dos saberes, tanto do grupo familiar quanto das culturas local e regional (DIAS; MAGALHÃES; ALBUQUERQUE, 2011; RODRIGUES; RAMOS, 2017).

Este convívio favorece novas identidades e relações, e, nesta relação recíproca, avós e netos trocam saberes e experiências de vida, constroem vínculos e laços familiares e intergeracionais consistentes, e, assim, embora vivam tempos diferentes, entre as diferentes gerações ocorre a coeducação e a intergeracionalidade (RAMOS, 2013).

Cada criança está inserida numa dada família, cultura e ambiente, e vai estruturar a sua vida psíquica e cultural através da herança psíquica e cultural recebida desde o nascimento e transmitida de geração em geração. Segundo Ramos (2012), este processo psíquico e de intersubjectividade acontece na relação com o outro, “no tempo e no espaço intergeracional, permitindo construir a humanidade, a individualidade e a identidade de cada um e possibilitando a construção do ser humano” (p. 4).

A perspectiva bioecológica e social de Bronfenbrenner (1996/1998) fornece contributos valiosos não só para a compreensão do desenvolvimento humano e das múltiplas interações e interdependências que o caracterizam,

como, também, para a identificação e compreensão dos fatores e oportunidades que condicionam ou promovem o desenvolvimento e a integração das crianças na família e na sociedade atuais, em interação e constante mudança.

A análise das relações de reciprocidade entre os membros da família e as suas crianças deve ter em conta os processos proximais, ao considerar que o desenvolvimento humano ocorre permeado por esses processos progressivos e complexos de interações múltiplas, regulares e duradouras no seu ambiente e em períodos estendidos no tempo (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Assim, acentua-se a relação de complementaridade que ocorre entre a díade através da troca de experiência de vida atemporal, revisitando o passado, vivendo o presente e traçando planos para o futuro e, em muitos casos, assumindo a educação e a tutela dos netos na condição de pais substitutos (ANTONI; KOLLER, 2001).

Na família, o cuidado às crianças, bem como aos idosos, é composto de trocas e afetos, de dádivas e reciprocidades, de relações que se estabelecem ao longo do tempo, de “dever” que não se questiona, mais do que de normas externas e ideologias impostas, estando a dívida, a gratidão e a obrigação em relação aos ascendentes e descendentes presentes, em maior ou menor grau, nos discursos e nas práticas (RAMOS, 2008).

O cuidar e educar implica práticas socioculturais concretas e simbólicas interativas, dialógicas e sistêmicas dirigidas pelos adultos ao ser-em-desenvolvimento, de modo a que este ser, nascido humano, passe a pertencer a um grupo específico social-humano e cultural. O cuidador, por sua vez o educador, não é um ser isolado, que se ocupa de outro ser isolado: ambos estão inseridos em contextos específicos e em redes interfamiliares, subjetivas, afetivas, sociofamiliares e culturais complexas e interdependentes. Estas redes e ambientes interativos, de desenvolvimento e solidariedade, deverão proporcionar oportunidades de desenvolvimento às pessoas segundo as suas necessidades, capacidades, tempo de vida, etapas de desenvolvimento e gerações. No caso dos avós e netos, estas relações, solidariedades e dádivas manifestam-se através da lealdade, do afeto e da gratidão, devido ao facto de os primeiros terem cuidado dos segundos, de os terem acolhido em momentos de necessidade e dificuldade, pela regular e longa convivência de cuidados e educação (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; MAINETTI; WANDERBROOKE, 2013; RAMOS, 2017).

Os avós são figuras importantes na socialização, na transmissão de valores, na esfera emocional, atitudinal, cognitiva e social, funcionando também como companheiros dos netos. Assim, uma das funções dos avós é serem confidentes, companheiros, depositários de segredos, percebidos como os que escutam e melhor entendem os netos. A convivência entre avós e netos pode ser benéfica para ambos, principalmente por ambos poderem aproveitar

uma relação que não é tão determinada por responsabilidades, obrigações e conflitos como é a relação entre pais e filhos (DOMINGUEZ; VITORINO; MORGADO, 2011; GARCIA; VEJA, 2013; RUFINO; SILVA; MAGALHAES; CAVALCANTE, 2014).

Na teoria bioecológica, o Tempo é visto como uma das dimensões a considerar na análise do desenvolvimento humano, estudadas relativamente aos sistemas que as compõem: micro, meso, exo e macro. A dimensão “tempo” consiste na sequência de eventos que constituem a história e as rotinas de uma pessoa. Funciona como um organizador social e emocional que aponta para a estabilidade ou instabilidade dos eventos no ciclo vital, e está dividida em “microtempo”, “mesotempo” e “macrotempo” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Para estes autores, eventos históricos podem alterar o curso do desenvolvimento humano, em qualquer direção, não só para indivíduos, mas para grandes segmentos da população. Em termos históricos, a passagem do tempo tem efeitos profundos em todas as sociedades, podendo, por exemplo, pequenos episódios da vida familiar, como a entrada da criança na escola, o nascimento de um irmão ou a mudança de emprego dos pais, ter uma significativa influência no desenvolvimento dos membros da família num dado momento das suas vidas. “Outro exemplo de como o tempo influencia o desenvolvimento da pessoa é a diferença na maneira de os pais criarem seus filhos, na década de 40 e na década de 80, ou na atualidade” (MARTINS; SZIMANSKY, 2004, p. 66).

Outro aspeto designado por Bronfenbrenner (1979/1996) é o cronossistema, que consiste na sequência de eventos que constituem a história, as mudanças e as rotinas individuais, familiares e sociais. Funciona como um organizador social e emocional que aponta para a estabilidade ou instabilidade dos eventos no ciclo vital, familiar ou diário. O cronossistema divide-se em: “microtempo”, “mesotempo” e “macrotempo” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

1. “Microtempo” – diz respeito à medida de atividades em pequenos momentos dos processos proximais. Em geral, é marcado por continuidades e descontinuidades dos episódios relativos ao processo proximal.
2. “Mesotempo” – refere-se à frequência, à periodicidade, desses episódios através de intervalos amplos, como os dias e as semanas, envolvendo as rotinas, o estabelecimento de organização disciplinar, a percepção dos limites, horários e regras de convivência em que ocorrem os processos proximais no ambiente imediato do sujeito.
3. “Macrotempo” – está centrado na história de vida da criança (e de todas as pessoas e contextos nos quais ela interage) e nas

expectativas de mudanças e de ocorrência de eventos que possam ter influência no desenvolvimento durante o ciclo vital. Este aspecto tem impacto direto no projeto de vida e nas expectativas de futuro da criança e da equipa (ANTONI; KOLLER, 2001).

Assim, a análise do tempo dentro destes três níveis deve focalizar a pessoa relativamente aos acontecimentos presentes na sua vida, desde os mais próximos até aos mais distantes. Bronfenbrenner e Morris (1998) ressaltam que as mudanças ocorridas ao longo do tempo, nas quatro propriedades do modelo bioecológico, são produtos e também produtores de mudança histórica.

Método

O presente artigo corresponde a um estudo exploratório, descritivo e de desenho qualitativo, realizado entre os meses de abril e maio de 2017. Foram entrevistados seis avós e seis netos, finalizando a amostra por saturação teórica 12 participantes. Os critérios de inclusão dos netos foram: a) terem idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos; b) conviverem com os avós na mesma cidade. O critério de inclusão dos avós foram: a) terem idades compreendidas entre os 50 e os 75 anos; b) estarem disponíveis para participar da recolha de dados.

Primeiramente, foi utilizado um questionário sociodemográfico enfocando as seguintes dimensões: tipo de avô/ó; género; idade; estado civil; formação; profissão; tipo de residência; renda salarial; tipo e motivo do cuidado. Para uma melhor percepção da convivência de avós e netos, optou-se por duas questões “Qual o tempo que dedica ao cuidado?” e “O que ensina e aprende com a sua avó e com o/a seu/sua neto/a?”.

O estudo foi realizado numa escola particular de classe média situada na cidade de Salvador (Bahia), no Brasil. A localização das famílias foi indicada pela coordenadora da escola. Inicialmente, a pesquisadora teve autorização da direção da referida instituição e a coordenadora fez o levantamento das crianças conviventes com os avós.

A coleta de dados foi feita em pares entre avós e netos. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas. Para garantir o anonimato, os nomes utilizados neste estudo são fictícios. As respostas às entrevistas foram agrupadas por temas, segundo o procedimento de análise de conteúdo proposto por Minayo (2001), o que permitiu a construção de categorias descritivas.

A análise foi realizada através de derivações sucessivas, orientadas pela teoria bioecológica, partindo de dados concretos decorrentes dos elementos obtidos por meio dos instrumentos utilizados, numa direção cada vez mais abstrata, escolhendo-se as categorias pelos núcleos de sentido das falas dos participantes, extraindo trechos relevantes e correspondentes a elas.

Resultados

Foram entrevistados 12 atores, sendo seis avós e seis netos. As avós foram classificadas como sendo de tipo “integral” (as que se dedicam ao cuidado diário); “sistemáticas” (as que se responsabilizam em algum dia específico ou no final da semana); e “esporádicas” (convocadas eventualmente para cuidar dos netos).

Quanto à idade dos avós maternos e paternos que compõem o grupo, esta varia entre os 59 e os 62 anos. Relativamente à situação conjugal, um casal de avós está casado e as outras duas avós são divorciadas. No que respeita ao nível de escolaridade, um avô declarou ter o ensino médio completo, enquanto as demais avós têm o ensino superior completo. Sobre a ocupação profissional, o casal declarou exercer atividade remunerada fora de casa, uma referiu ser dona de casa e a outra é aposentada.

Em relação aos netos, a idade varia entre os seis e os nove anos de idade, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino. No que respeita à escolaridade, dois frequentam o 2.º ano, um o 3.º ano, um o 4.º ano e dois o 5.º ano escolares. Quanto à coresidência, dois netos vivem com os avós, um deles vive juntamente com a mãe e os demais com os pais. Relativamente ao contato dos netos com os avós de linhagem materna, dois deles convivem diariamente, dois aos fins de semana e dois às vezes ou nunca. Quanto ao contato dos netos com os avós de linhagem paterna, um ocorre diariamente, dois às vezes e três esporadicamente.

Discussão

A abordagem bioecológica do desenvolvimento humano mostra-se útil para a compreensão do fenómeno em questão, uma vez que parte da premissa de que o desenvolvimento só pode ser entendido devidamente contextualizado e compreendido no seu contexto ecológico-cultural. A convivência relativa ao cuidado dos netos e à transmissão geracional foi organizada a partir das três divisões do Tempo: microtempo, mesotempo e macrotempo, contendo cinco categorias: 1) Regularidade dos encontros; 2) Coeducação; 3) Rotina na casa dos avós; 4) Percepção dos limites; 5) Fragilidade na saúde.

Microtempo:

1. Regularidade dos encontros

Com os avós, a noção de tempo é outra. Sem a urgência de ritmos acelerados, desfrutando de tempo para observar o mundo e contemplar a beleza, é possível aproveitar o tempo com qualidade, para a realização dos cuidados

e atividades quotidianas e educativas necessárias (LANÇA, 2004; LUZ; FAVRETTO, 2013)

Quanto à regularidade dos encontros, percebemos que esta depende do tipo de cuidado. Os avós sistemáticos costumam ter um dia da semana para ficar com os netos, como declara Margarida: “Ele vem para minha casa aos finais de semana”. E também Violeta: “Meu neto vem todas as quintas-feiras, esse foi o combinado”. Constatamos que a presença dos netos sistemáticos exige a elaboração de atividades previamente planejadas, como relatadas por Margarida: “Aos sábados, o meu neto vai para minha casa e, dependendo como o tempo está, planejo se saímos ou não para passear e brincar no parque”. E Violeta acrescenta: “Quando ele vem para cá, temos que planejar o que vamos fazer”.

No cuidado dos netos sistemáticos há uma rotina que envolve compromisso e planejamento, como evidenciado nestas falas: “Quando eu vou prá lá aos sábados, minha avó me leva para almoçar no shopping e à tarde jogamos futebol no play” (Joca); “Na casa dos meus avós sempre tem novidades. Às vezes vamos para a piscina, outras para a praia” (Lia).

Em contrapartida, a regularidade dos encontros dos avós de tempo integral com os netos ocorre diariamente: “De manhã, o meu avô me leva na escola; à tarde, faço o dever com minha avó e assisto TV com meu avô, e domingo vou à igreja com minha avó” (Duda); “Minha avó me leva e me traz da escola” (Leo). Percebemos que, na fala das avós corresidentes, a definição atribuída à convivência com os netos é companhia, como declaram Begónia e Orquídea: “Sou uma companhia constante para minha neta porque ela mora comigo” (Begónia); “Faço companhia para o meu neto desde que nasceu. A mãe e ele moram comigo e tomo conta dele” (Orquídea). Este tipo de relacionamento baseia-se numa atitude de companheirismo, componente da organização dos tempos livres dos netos, que são atividades lúdicas, desportivas, passeios e visitas. Com os avós, a noção de tempo, em geral, é outra, sem a ansiedade e a urgência de ritmos apressados.

2. Coeducação

Sabe-se que a coeducação de avós e netos é rica em contato social, ensinamento mútuo, respeito e valorização do outro. Questionados os netos sobre o que ensinam aos avós, foi possível reportar à noção de “coeducação”, enquanto uma possibilidade de troca intergeracional, ou seja, o que efetivamente uma geração pode ensinar a outra. Neste sentido, Léo (neto integral) diz que a avó o “ensina a respeitar os mais velhos”. Bob (neto sistemático) conta que a avó o ensina a “pedir com licença ao interromper a conversa entre as pessoas”. As avós acrescentam que, além dos valores morais, ensinam valores religiosos: “Leio a Bíblia e rezamos juntos antes de ele dormir” (Orquídea); “Conto histórias bíblicas para ela” (Lia). Os valores transmitidos pelos avós

também estão presentes nas atitudes de respeito e solidariedade. Estas, muitas vezes, podem estar baseadas nas crenças e ensinamentos religiosos dos avós (JANELA, 2006).

Vale a pena ressaltar que, além da transmissão de valores morais entre avós e netos, é possível haver a troca de conhecimentos instrumentais da parte dos avós no dia a dia, como, por exemplo, “fazer comida” (Kate); “fazer bordado” (Duda); “ensina a lavar o carro” (Tino). Em contrapartida, os netos ensinam os avós a lidar com as novas tecnologias: “Ensino minha avó jogar no celular” (Joca); “Jogo videogame com o meu avô” (Lia); “Ensino a usar o Whatsapp, a baixar imagens, vídeos, porque ela me pede” (Leo). As avós confirmam estes ensinamentos dos netos e declaram: “Quando não consigo entrar na internet, chamo minha neta (Begónia); “ele me ajuda a entrar na internet” (Violeta); “às vezes jogamos game no computador” (Alecrim).

É uma realidade atual: as crianças estão imersas numa nova cultura da sociedade aberta, tecnológica e em rede e têm um maior domínio, relativamente aos seus avós, das tecnologias de informação e comunicação. Isto significa que há uma interação de mutualidade, solidariedade, cooperação e reciprocidade em torno do computador e dos jogos eletrônicos, através dos quais estas duas gerações se ajudam, brincam, interagem e se coeducam. Por isso, a importância da companhia de um cuidador é enfatizada por Bronfenbrenner (1996/1979), ao afirmar que a transição ecológica possibilita um maior desenvolvimento quando, ao entrar em novos ambientes, a criança tem a presença de pessoas com as quais compartilha outros ambientes.

Mesotempo

3. Rotina na casa dos avós

Constatamos que a rotina estabelecida pelos avós de tempo integral está direcionada para a orientação de pequenos serviços domésticos, para que nos remete a fala dos netos: “Eu ajudo a colocar os talheres, pratos e copos na mesa” (Duda); “Lavo a louça” (Kate); “Varro o chão” (Lia). E também para os hábitos de estudo, com os avós ficando atentos às tarefas escolares: “Eu faço as minhas tarefas sozinhas, mas, se preciso de ajuda, pergunto à minha avó” (Tino). Além disto, os avós acompanham o desempenho escolar das crianças e só deixam de comparecer às festas e reuniões na escola quando os pais se encarregam de tal tarefa: “Na entrega do boletim, é a minha avó quem vai, mas, no dia em que a minha mãe pode buscar, a minha avó fica em casa” (Leo).

As avós consideram imprescindível que os netos as auxiliem nas tarefas domésticas, comentando tanto as avós de tempo integral como as avós sistemáticas que, por exemplo, “Desde pequena ensinei a minha neta a guardar os brinquedos” (Begónia); ou “Ensino o meu neto a ajudar, assim como fazia com sua mãe, quando era criança” (Violeta). A convivência dos avós com os netos

fá-los retomar a esperança e o passado, já que, ao mesmo tempo que educam os seus netos, são reeducados por essas crianças. É uma participação tão ativa que os leva a reviver situações, trazendo à tona lembranças, experiências e vivências de outrora, e os faz colocar em prática velhos hábitos, costumes e saberes (RODRIGUES, 2014).

4. Percepção dos limites

Na casa dos avós há regras, tanto para os netos de tempo integral, como para os sistemáticos e esporádicos, e uma delas prende-se com os horários das refeições, banho e descanso. “Quando chego da escola, tomo banho para almoçar” (Lia); “Na casa da minha avó tenho que descansar depois do almoço” (Joca). Quanto ao horário de dormir, dois netos afirmam que: “Na casa de minha avó, depois do jornal nacional [por volta das 20h30], ela manda que eu vá me deitar... acho chato, porque não tenho sono ainda” (Tino); “Quando durmo na casa da minha avó, ela manda dormir cedo e apaga a luz (Kate).

Da mesma forma, Machado (2008) constatou que as avós valorizam a alimentação saudável e as refeições tomadas a horas certas; promovem a sesta relativamente à frequência, quantidade e qualidade do sono; impulsionam a autonomia nas rotinas do quotidiano; estimulam a atividade física ao não delimitarem zonas de interdição na casa; permitem e favorecem as brincadeiras externas no quintal e na natureza; promovem a brincadeira e despendem muito do seu tempo com os netos; desenvolvem a relação no quotidiano com muita comunicação e afetividade e atentando para as questões de segurança.

O envolvimento afetivo e emocional não impede que os avós tomem atitudes disciplinadoras em relação aos netos. Quando os pais não estão, muitas vezes cabe a eles este papel de impor limites: “Quando eu apronto, o meu avô me deixa de castigo e depois ele conversa comigo” (Tino). De um modo geral, quando os avós precisam “agir”, este comportamento parece assumir mais a forma de um conselho, o que não faz com que ganhe, necessariamente, a forma de conflito intergeracional. Além disso, a convivência com os netos, e a educação e participação ativa conduzem a reviver situações, trazendo lembranças e hábitos de outrora, permite colocar em prática conhecimentos, que são tidos como mágicos, como também poderão existir fatos e situações que lhes proporcionarão aprendizagem, mediante as novas situações, programas e hábitos (DIAS; COSTA, 2006; RAMOS, 2011).

Macrotempo

5. Fragilidade na saúde dos avós

O mundo está envelhecendo como confirmam as estatísticas e os estudos dos últimos anos. De acordo com estudos efetuados, entre 2000 e 2050

a percentagem de pessoas com mais de 65 anos irá duplicar. Este envelhecimento deve-se a vários fatores, entre eles, a diminuição da taxa de natalidade, a melhoria das condições de vida, a melhor cobertura das necessidades sociais e de saúde e a diminuição das taxas de mortalidade (RAMOS, 2016).

A convivência com os avós permite, igualmente, que as crianças sejam introduzidas no processo de fragilidade da saúde, como declaram os netos: “Quando a minha avó voltou do hospital, eu levava água e frutas para ela” (Leo); “Colocava o termômetro debaixo do braço dela” (Duda), passando a lidar com o processo de fragilidade, vulnerabilidade e envelhecimento. Assim, as crianças também ajudam e aprendem a enfrentar a doença dos seus avós, além da perda: “O meu avô ficou doente e morreu” (Kate). Este maior tempo de convivência pode ocorrer num contexto de dependência ou independência dos avós, onde, não apenas os avós cuidam dos netos, como também, cada vez mais, poder-se-á esperar que também os netos cuidem dos avós. Assim, emerge uma relação de cuidados recíproca: os avós cuidam (ou ajudam a cuidar) dos netos enquanto estes são pequenos, e os netos poderão cuidar dos avós quando estes chegarem a uma fase da vida de maior debilidade (HARPER, 2006).

Conclusão

Este estudo trouxe, no conjunto dos seus resultados, subsídios que valorizam a compreensão e a importância da relação entre avós e netos na família e sociedade atuais. A pesquisa possibilitou uma análise detalhada dos dados, a partir do diálogo com os participantes, atendendo, assim, aos objetivos que se propôs investigar. Quanto ao tempo dedicado aos netos, este depende do tipo de cuidado. As avós de tempo integral dedicam-se diariamente, enquanto as sistemáticas têm um dia determinado na semana, e as esporádicas apenas quando solicitadas pelos filhos.

Em relação à coeducação, as avós entrevistadas afirmaram aprenderem com os netos a lidar com as novas tecnologias, enquanto elas lhes ensinam valores morais e espirituais. Como, no geral, as crianças têm maior domínio das novas tecnologias do que os seus avós, gera entre ambos uma interação de mutualidade, reciprocidade e solidariedade em torno do computador e dos jogos eletrônicos, através dos quais estas duas gerações se ajudam, brincam, interagem e estabelecem modos alternativos de saber, domínio e poder. Na opinião dos netos de tempo integral, as brincadeiras que ocorrem dentro de casa são jogos, embora haja também atividades lúdicas, como “brincar às escondidas” e pinturas, enquanto as atividades fora de casa ocorrem em praças, parques ou piscinas. O mesmo ocorre em relação aos netos de tempos sistemáticos e esporádicos, para os quais predominam as atividades de jogos, havendo maior variedade de atividades fora de casa, como futebol e praia.

Deve-se ressaltar que as transformações sociais, familiares e culturais que se vêm produzindo, sobretudo nas sociedades industrializadas, e o processo de urbanização crescente, com o afluxo às cidades, trouxeram mudanças nos modos de habitar, viver e conviver: a vida das crianças passa-se cada vez mais em apartamentos, condomínios fechados e centros comerciais, onde o contato com o ambiente e a natureza é quase inexistente, constituindo, contudo, a casa dos avós um lugar de diversão, de adaptação para criar ambientes interativos, lúdicos e acolhedores para os seus netos e onde as crianças podem brincar com os seus irmãos e primos. Avós e netos adaptam-se às novas circunstâncias da vida contemporânea, modificando as formas de interagir, conviver e brincar, com o intuito de continuar a interagir, brincar e aprender. Neste sentido, devemos sublinhar a importância do microtempo, onde ocorreu a coeducação através do ensino de valores morais e religiosos por parte dos avós para com os netos e dos netos para os avós, pelo ensino das novas tecnologias; no mesotempo, a frequência dos encontros, diários ou semanais, modificando o tipo de relacionamento; já no macrotempo, as crianças puderam ser introduzidas no processo de vulnerabilidade e de fragilidade da saúde dos avós e no sentimento de perda.

Finalmente, a pesquisa aponta que o contato intergeracional surge como um processo interativo e coeducativo, onde tanto as gerações mais velhas quanto as mais jovens têm a oportunidade de aprender e ensinar, e ajudar a compreender como os vínculos que unem avós e netos podem ser tão fortes e duradouros, que nem a separação e a finitude dos avós é capaz de desfazer esses laços e vínculos eternos de amor e afeição.

REFERÊNCIAS

- ANTONI, Clarissa Deand; KOLLER, Silvia Helena. O psicólogo ecológico no contexto institucional: uma experiência com meninas vítimas de violência. **Psicol. Cienc.** [online] v. 21, n. 1 p. 14-29, 2001,
- BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano:** experimentos naturais e planejados. Tradução M. A. V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996 (Trabalho original publicado em 1979).
- BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, P. The ecology of developmental processes. In: Damon, W. (org.). **Handbook of child psychology**. New York: John Wiley & Sons. 1998, p. 993-1027.
- DIAS, Cristina Maria S. B.; COSTA, Juliana M. Um estudo sobre a avó guardiã na cidade do Recife. In: AMAZONAS, M. C. L. A.; LIMA, A. O.; DIAS, C. M. S. B. **Mulher e família** São Paulo: Diversos Dizeres, 2006, p. 127-138.
- DIAS, Cristina Maria S. B.; ATAÍDE, Emerson; MAGALHÃES, Kersia, ALBUQUERQUE, Natália. As relações entre as gerações nas famílias chefiadas por idosos. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casal e família:** conjugalidade, parentalidade e psicoterapia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 79-95.
- GARCIA, Cristina N.; VEJA, Cristina, V. Relaciones abuelos-nietos: una aproximación al rol del Abuelo. **Sociedad y utopía: Revista de Ciencias Sociales**, v. 41 n. 1 p. 464-482, 2013,
- HARPER, Sarah. Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. **Povos e Culturas**, v. 10, n. 1, p. 25-38, 2006,
- JANELA, Antônio. Os avós como transmissores da fé. **Povos e Culturas**, v. 10 n. 1 p. 51-59, 2006.
- LUZ, Ane Caroline; FAVRETTO, Liliane. Influência da presença dos avós no desenvolvimento psicossocial de crianças que frequentam a educação infantil. **Anais... IX Congresso de Educação**. Concordia/ S.C., 9-10 maio 2013.
- MAINETTI, Ana Carolina; WANDERBROOKE, Ana Claudia N. S. Avós que assumem a criação de netos. **Pensando Família**. v. 17, n. 1 p. 87-98, 2013.
- MARTINS, Edna; SZIMANSKY, Heloisa. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 4 n. 1 p. 63-79, 2004.

- MINAYO, Maria Cecília Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes. 2001.
- RAMOS, Anne Caroline. **Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças**. (Tese). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- RAMOS, Natália. Família, cultura e relações intergeracionais. **Actas do Congresso Solidariedade Intergeracional**. Lisboa: CEMRI, Univ. Aberta, 2005, p. 315-329. 2008.
- RAMOS, Natália. Avós e netos através da(s) imagem(s) e das culturas. In: RAMOS, N.; MARUJO, M.; BATISTA, A. (org.). **A voz dos avós**. Migrações, memória e património cultural. Coimbra: Gráfica de Coimbra e Pro Dignitate, 2012, p. 33-56.
- RAMOS, Natália. Relationships and intergenerational solidarities – Social, educational and health challenges. In: OLIVEIRA, A. (coord.). **Promoting conscious and active learning and aging: How to face current and future challenges?** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, University Press, 2013, p. 129-145.
- RAMOS, Natália. Tecendo laços e solidariedades entre gerações: espaços, vozes e representações de avós e netos. In: **Aprender, envelhecer, SER**. Agenda de gerontologia 2017. In: BARRADAS, S.; OLIVEIRA, A. (org.). Coimbra: Alma Letra Ed., 2016, p. 63-79.
- RAMOS, Natália. Família, solidariedade e relações intergeracionais e de gênero: Avós e netos na contemporaneidade. In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; RAMOS, M. N. (org.). **Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea**. v. 5. Curitiba: Ed. CRV, 2017, p. 227-247.
- RODRIGUES, João Paulo. **Os avós na família e sociedade contemporâneas: Uma abordagem intercultural e intergeracional**. (Tese de Doutorado): Psicologia Intercultural – Universidade Aberta, Lisboa, 2014.
- RODRIGUES, João Paulo; RAMOS, Natália. A comunicação de saberes sobre os cuidados infantis na família e nos profissionais de saúde em Portugal. In: RANGEL, M. L.; RAMOS, N. (org.). **Comunicação e saúde**. Perspectivas contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 387-403.
- RUFINO E SILVA, Tamires Santos; MAGALHAES, Celina Maria Colino; CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves. Interações entre avós e netos em instituição de acolhimento infantil. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro v. 66, n. 1, p. 49-60, 2014.